



Os conflitos da casa e da rua nas crônicas de “A vida como ela é...”¹

Tiago Coutinho Parente²
Universidade de Fortaleza (Unifor)³

Resumo

Este artigo propõe uma discussão acerca dos sentidos do público e do privado bordados a partir da coluna “A vida como ela é...” redigida diariamente por Nelson Rodrigues no jornal “Última Hora”, em 1951. As crônicas rodriguianas tinham como tema principal a vida ordinária dos cariocas suburbanos. Nelas, a relação estabelecida pelo autor entre a casa e a rua levanta uma discussão sobre as tênues barreiras que separam o mundo público do privado.

Palavras-chaves: A vida como ela é...; Última Hora; Esfera Pública; Esfera Privada; Nelson Rodrigues.

1. A Gênese de “A vida como ela é...”

“A vida como ela é...”, coluna diária de publicação de crônicas narrativas assinada por Nelson Rodrigues, surgiu no ano de 1951, no jornal “Última Hora”, num Brasil, contextualizado no pós-guerra. Os Estados Unidos, o país vitorioso do conflito, começaram a investir parte de seu capital nos países da América Latina a fim de conseguir extensão político-econômica fora do território nacional. Como o Brasil havia apoiado a tropa dos Aliados, recebia abertamente interferências dos Estados Unidos em sua vida político-econômica. Dentre as várias formas de investimento, interessa-me, para este trabalho os recursos de capitais estrangeiros apostados na imprensa brasileira. Afinal, havia se iniciado, neste mesmo período, a Guerra Fria. Os Estados Unidos tinham o amplo interesse de repercutir o conflito e de disseminar uma política imperialista por toda a América Latina.

Justamente no período pós-guerra, houve descobertas de indícios de pequenas reservas petrolíferas brasileiras. Nesse momento, o capital estrangeiro iniciava uma campanha a favor da internacionalização do combustível, alegando não haver quantidade suficiente de reservas do Brasil para que a nação se preocupasse em criar empresas de exploração petrolíferas. Após a descoberta de quantidade considerável de petróleo no Brasil, mudou-se o discurso imposto pelo capital estrangeiro. Agora se dizia que o País não possuía condições financeiras para investimentos exploratórios. Deveria,

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade de Fortaleza. E-mail: tcoutinhop@gmail.com

³ Trabalho redigido sob a orientação da Profa. Dra. Manuela Barros, professora titular da Universidade de Fortaleza.

então, entregar às nações mais desenvolvidas, como os Estados Unidos, a função de explorar o petróleo brasileiro.

Toda a imprensa nacional defendia este posicionamento. Apesar da situação imprópria para o discurso nacionalista, Getúlio Vargas conseguiu se eleger presidente do País com o apoio de vários setores da burguesia. E, se antes, durante o Estado Novo, “o nacionalismo de Getúlio Vargas era um nacionalismo confuso, às vezes primário. Agora, não: ele voltara ao poder decidido a percorrer um caminho traçado com clareza na solidão da fronteira gaúcha” (Wainer, 2002: 124). Ele sabia, no entanto, das dificuldades em manter o discurso com o qual havia sido eleito caso não houvesse apoio da imprensa. A solução seria tê-la do seu lado, mas

Vargas não tinha condições, pelas mudanças dos tempos, para subornar a grande imprensa, como se fizera antes no Brasil. (...) Mas já era rotina a abertura de generosos créditos a empresas jornalísticas, nos estabelecimentos bancários e previdenciários do Estado. Vargas julgou que esse caminho, largamente batido, lhe permitiria ter pelo menos um órgão oficioso, de base popular, capaz de permiti-lhe enfrentar a maciça frente dos jornais controlados pelas agências estrangeiras de publicidade. Foi assim que vultuosos e rápidos créditos possibilitaram, em 1951, a Samuel Wainer fundar o vespertino Última Hora, que logo conquistou lugar de destaque na imprensa carioca e brasileira (Sodré, 1966: 457-458).

Nesse contexto, surge o “Última Hora”, oriundo de uma negociação feita por Samuel Wainer ao comprar o parque gráfico do, quase extinto, jornal “Diário Carioca”. Este faliu em 1949. Com isso, o “Última Hora” herda algumas características estruturais do “Diário Carioca”, que entrara para a história da imprensa brasileira por ter implementado a técnica da objetividade estadunidense de se produzir jornalismo.

Ruy Castro (1992) conta que “ninguém mais podia ser literato na redação, a não ser em textos assinados, e olhe lá” (Castro, 1992: 231). Houve então a incorporação, nas reportagens do “Diário Carioca”, da “objetividade jornalística”. Seria, agora, necessário trazer nas primeiras linhas o lide, respondendo às básicas e conhecidas perguntas *quem, o quê, quando, onde, como e por que*. Outros elementos foram incorporados às redações. Além do lide, passou a existir o *copy-desk*, que assumia na redação um cargo semelhante ao revisor de texto, mas serviria justamente para fiscalizar se os jornais estavam cumprindo a risca esta objetividade jornalística.

Esses elementos de “modernização do jornal”, ocorridos no início da década de cinquenta, marcam também a transição da imprensa brasileira artesanal para um jornal de escala industrial e, segundo Sodré (1966), de caráter burguês, financiado,

quase todo, pelo capital estrangeiro. O autor fala que o objetivo era transformar o jornal em um produto de longo alcance, com larga escala e, principalmente, com fins comerciais, expandindo ao máximo as fronteiras econômicas.

Mesmo com o paradigma da objetividade e da produção jornalista em larga escala, Samuel Wainer tentou ousar no “Última Hora” e, sabendo do passado de Nelson Rodrigues⁴, propôs ao jornalista uma coluna diária com temática popular, voltada para assuntos do cotidiano da cidade ou tramas policiais, nas quais ele faria o trabalho de repórter, mas poderia escrever um texto literário. Surgia então, a coluna “A vida como ela é...”. Nelson Rodrigues passava a escrever suas primeiras crônicas, com liberdade para trabalhar com uma estilística literária. Mas, posteriormente, ele não mais apurava os fatos, inventando as narrações, oriundas puramente de sua criatividade e das histórias escutadas por seus amigos e conhecidos no trabalho (Castro, 1992).

Isso pôde ser feito sem muitas dificuldades pelo cronista. Afinal, a coluna, por causa da perspectiva literária, sempre teve uma ampla aproximação com a ficção, até torna-se totalmente fruto da imaginação de Nelson Rodrigues. Desde os primórdios, ele optou pela escrita de um texto emocional, com claras influências, tanto textuais como de conteúdo, dos textos folhetinescos do século início do XIX. Essa caracterização estilística representa os elementos ideológicos do “Último Hora”, que tinha como principal público as camadas mais populares do Rio de Janeiro. Por isso, ao utilizar o gênero da crônica narrativa, havia a perspectiva do periódico em sensibilizar os leitores de maneira mais imediata. Nesse sentido, melhor do que uma notícia “fria”, que começava a se estabelecer redações, nada mais envolvente do que a proposta de uma crônica narrativa e sensacional.

Samuel Wainer no princípio não desconfiava da postura de Nelson Rodrigues. Quando descobriu os “vãos de imaginação” do cronista, a coluna já era sucesso no Rio de Janeiro, comentada em todos os botequins. Não havia motivo para voltar atrás e inserir elementos da apuração jornalística. Havia, no entanto, uma ambigüidade no público. Por fugir das técnicas que começavam a surgir, o conteúdo da coluna era sempre colocado em xeque. As histórias contadas partiam ou não da realidade? No começo, a coluna se apresentava muito trágica, mórbida, com desgraças contextualizadas fora da cidade do Rio de Janeiro. Depois, a pedido dos leitores, passou a relatar em “A vida como ela é...” a capital carioca, pois

⁴ Durante sua adolescência, no final da década de 30, Nelson Rodrigues, no início de sua carreira, assinava uma coluna policial no jornal “A Manhã”, intitulada “A Tragédia da Pedra”.

os jornais precisam ter o sotaque de suas cidades e Nelson não demoraria a abrir os olhos para o filão da ambivalência. (...) com um fascinante elenco de jovens desempregados, comerciantes e “barnabés”, tendo como cenário a Zona Norte, onde eles viviam; o Centro, onde trabalhavam; e, esporadicamente, a Zona Sul, aonde só iam para prevaricar (Castro, 1992: 237).

O sucesso das crônicas de Nelson Rodrigues se dava principalmente pela temática. Ele apresentava os elementos da sexualidade urbana carioca sem nenhum constrangimento. O assunto mais recorrente, indubitavelmente, era o adultério. Porém outros pontos apareciam com constância: crimes passionais, suicídios, relações homossexuais, triângulos amorosos.

Castro (1992) credita o sucesso da coluna à capacidade da produção de uma narrativa centrada na culpa e na repressão. A característica da repressão lembra, aqui, a idéia de gênese da malandragem trazida por DaMatta (1984). Para ele, o Brasil se configura pela lei do “não pode!”, marcado de burocracias proibitivas, fazendo o brasileiro buscar soluções dos problemas por meio de “jeitinhos”, constituídos pelo uso de relações pessoais para resolver problemas de ordem pública, assinaladas, muitas vezes, pela prática do nepotismo. Essas proibições são características do mundo da rua, mas, se formam a partir da tentativa de resolver os problemas da rua pela lógica que permanece dentro de casa. Eis aí o princípio da malandragem.

Desta forma, o confronto entre o mundo da casa e o mundo da rua aparece constantemente nas histórias contadas por Nelson Rodrigues, em “A vida como ela é...”. Ele apresenta o conflito das personagens que não conseguem perceber as fronteiras entre a casa e a rua. Pelo fato de o universo familiar, escondido nas paredes da casa, passar a ser mostrado, no espaço público – apesar de bastante lida e com longa duração (dez anos)⁵ –, “A vida como ela é...” rendeu a Nelson Rodrigues a fama popular de “tarado”.

2. Nas fronteiras entre a casa e a rua

O conflito das personagens entre a casa e a rua, proposto neste trabalho, se origina, principalmente dos conceitos sociológicos desenvolvidos pelo antropólogo

⁵ Nelson Rodrigues saiu do jornal “Última Hora”, em 1961, após a renúncia de Jânio Quadros. A saída se deve principalmente por causa das críticas feitas, no espetáculo teatral “Beijo no Asfalto”, às conduções editoriais do “Última Hora”. Não havia mais convergências ideológicas entre Samuel Wainer e Nelson Rodrigues. Depois disso, em outros veículos de comunicação, “A vida como ela é...” foi adaptada, ainda na década de sessenta, para fotonovelas e radiodramas, sendo também publicada em livro (Castro, 1992).

brasileiro Roberto DaMatta. O autor defende que os dois conceitos são “fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira de uma maneira globalizada” (DaMatta, 1997: 14). Como duas entidades morais, os espaços propostos possuem características próprias. O autor alerta que esses dois conceitos – casa e rua – não se referem diretamente aos espaços físicos. Embora eles também sejam reveladores, essa dicotomia está na dimensão moral e social do ser humano.

Ao fazer a distinção entre as funções de cada instância, DaMatta sugere que a casa seja o espaço do lar, da formação da intimidade familiar e um espaço próprio, na qual se possa exceder nas emoções. DaMatta (1984) entende a casa como um lugar em que há uma predileção por valores como “honra”, “vergonha” e “respeito”. Ao mesmo tempo, o sentimento familiar se estende não apenas para relações de parentescos, mas também para amigos ou vizinhos que se tornam “da família”. Na tentativa de se centrar em si, uma das especificidades da casa é a produção de discursos conservadores, constituindo-se um local “marcado por um supremo reconhecimento pessoal: uma espécie de supercidadania que contrasta terrivelmente com a ausência total de reconhecimento que existe na rua” (DaMatta, 1984: 28).

Sennett (1988) mostra idéias importantes a respeito da questão. Para o autor, existe uma descrença nas ocupações dos espaços públicos por parte dos cidadãos. Isso acontece principalmente por causa dessa “supercidadania”, levantada por DaMatta. No entanto, Sennett acredita principalmente que, dentro da perspectiva urbana e cosmopolita, as famílias buscam na intimidade aquilo que não conseguem encontrar nos espaços públicos.

DaMatta, no entanto, mostra que a rua também é um lugar moral marcado fortemente pela “individualização, de luta e de malandragem. Zona onde cada uma deve zelar por si, enquanto Deus olha por todos” (DaMatta, 1997: 55). Ela vai ser um espaço onde as individualizações e o centramento das atenções afetivas não estarão voltados para o sujeito. Na rua, encontram-se “pessoas indiferenciadas e desconhecidas que nós chamamos de ‘povo’ e ‘massa’. (...) que remete sempre à exploração e a uma concepção de cidadania e de trabalho que é nitidamente negativa” (DaMatta 1984: 29). Sennett (1988), nessa mesma perspectiva, propõe o conceito de homem cosmopolita que seria aquele “que se movimenta despreocupadamente em meio à diversidade, que está à vontade em situações sem nenhum vínculo nem paralelo com aquilo que lhe é familiar” (Sennett, 1988: 31).

Diante da diversidade, na rua, pode-se encontrar aquilo que a casa não comporta. Têm-se os elementos da cidade como o trabalho, os transportes coletivos, as escolas, os hospitais, mas também encontramos a prostituição, o roubo, o tráfico, os assaltos, as taxações. Ao analisar essas duas esferas, Roberto DaMatta propõe entender como se dá o comportamento diferenciado dos brasileiros nos dois espaços. Sua tese principal aponta para que os brasileiros tendem a desenvolver na rua a linguagem da casa. Por isso, politicamente temos o nepotismo, ou seja, afetividades regendo a política e as instituições públicas. Porém, ao analisar os textos rodriguianos, o viés exposto em “A vida como ela é...” se dá justamente numa lógica inversa. A linguagem da rua passa a penetrar dentro de casa. Percebe-se uma implícita confusão nas personagens quanto aos comportamentos cabíveis nos dois vieses.

Os textos rodriguianos, é importante ressaltar, são originados de um escritor urbano, nascido e criado em uma cidade que lhe permitiu se tornar “um voyeur a espiar, pelo buraco da fechadura, personagens em situação limite, beirando o desvario” (Xavier, 2005: 12). Não seria exagero dizer que Nelson Rodrigues seja um símbolo do Rio de Janeiro e que sua obra represente, muito bem, a cidade por ele construída e testemunhada. Suas crônicas marcam o espetáculo do homem moderno, ou seja, o homem ordinário da sociologia francesa. A matéria-prima de Nelson é a vida ordinária, sendo sua obra um retrato da modernidade (Xavier, 2005). Nos seus textos,

o homem é revelado, assim, pelos seus costumes, práticas, discursos, roupas, moradia, relacionamentos e tudo que faz dele um habitante da cidade. É um misto de estudo da cidade, que só se caracteriza como tal pela presença do homem e, por outro lado, desse homem, que só se faz moderno por viver e conviver na cidade (Xavier, 2005: 21).

Facina (2004) lembra de um detalhe importante quando se fala do Rio de Janeiro de Nelson Rodrigues. Para ela, o autor tomou o Rio de Janeiro como um laboratório no qual produziu e testou sua visão do mundo, sua concepção acerca da natureza humana, seus preceitos ético-morais. Nesse sentido, ele constrói, dentro da cidade, os seus tipos sociais: as personagens esquecidas na metrópole. A cidade é “o lugar da multidão onde é possível estar em contato permanente com inúmeros indivíduos e, ao mesmo tempo, desconhecer a maior parte deles” (Facina, 2004: 150).

Para a obra de Nelson Rodrigues, nas ruas da cidade, diante dos avanços da modernidade, vamos encontrar vários conflitos, que penetrarão no universo familiar, causando conflitos entre as personagens. Em “A vida como ela é...”, por exemplo, os locais onde acontecem o adultério ou qualquer outro conflito ético, moral ou amoroso

geralmente, estão nas travessias da rua. Quando acontecem na casa, o destroço torna-se maior, pois se agride um espaço quase que sagrado. Desta forma,

a rua torna-se uma ameaça à estabilidade da casa porque seu crescimento gera uma possibilidade de socialização que é diferente da vida doméstica e que atrai jovens e mulheres. Estas são mantidas o mais possível fora da rua e dentro de casa, o que se assemelha à posição das mulheres nas sociedades mediterrâneas como seres que têm o interior do lar como seu espaço de ação, em oposição à rua, domínio dos homens. (...) Do mesmo modo, a rua cria para os filhos possibilidades de escapar ao menos parcialmente do domínio de seus pais. (...) Esse conflito de gerações é ao mesmo tempo resultado e causa de uma maior mobilidade social (Facina, 2004: 103-104).

O que considero mais interessante nesse conflito entre a casa e a rua se dá justamente com a consolidação da coluna “A vida como ela é...”. A coluna, ao mesmo tempo em que apresenta constantemente esse conflito, sintetiza, na sua própria condição de publicação diária no jornal que flutua ele mesmo nas fronteiras entre a casa e a rua, o público e o privado. Ou seja, ela retrata assuntos principalmente do âmbito da casa, porém o espaço para publicizar este conteúdo se dá no jornal, um elemento representativo da rua.

Cria-se um ciclo sem começo nem fim. A rua, por meio da coluna, discute algo que está diretamente ligado à sua relação com a casa. Esta, por sua vez, discute a si mesma e os seus conflitos pautada principalmente por elementos da rua. É justamente nesse contexto que credito o sucesso da coluna: o estranhamento das pessoas da casa de virem seus conflitos com a rua expostos na própria rua. A rua passa a utilizar, minimamente, a linguagem da casa. Isso se dá principalmente nas camadas populares que, segundo DaMatta, tendem “a usar como fonte para sua visão de mundo a linguagem da casa” (DaMatta, 1997: 49). Isso justifica o fato da coluna apresentar conteúdos moralizantes, comuns, principalmente, nas ambientações privadas da casa.

Embora o estudo do autor volte-se principalmente para o Brasil, a questão levantada por DaMatta não diz respeito apenas à realidade sócio-histórica brasileira. O confronto entre os dois espaços, o público e o privado, o físico e moral, oriunda-se da formação da sociedade burguesa e da esfera privada que Habermas tanto se preocupou em estudar.

Habermas (1984) também aponta que a família, no sistema capitalista, não se mostra mais autônoma diante da formação do Estado. Neste ponto, Sennett (1988) apresenta informações importantes. O autor mostra que historicamente, com a formação e consolidação do Estado, passa a haver uma preocupação deste em fomentar espaços

públicos, como praças, teatros, cafés, ruas. A maior parte das obras públicas parte da finalidade do Estado em querer os cidadãos ocupando esses espaços. Estes geralmente estavam voltados para o lazer.

Além disso, nesse período, principalmente no século XIX, esses tipos de lazeres passam a ser públicos (no sentido aqui de não pagos), permitindo que segmentos sociais, até então desprovidos dessas atividades, possam ocupar os espaços públicos não sendo mais o lazer algo exclusivo da aristocracia. Devido às grandes dimensões às quais os espaços públicos iam tomando, ele passou a ser um local de extrema dificuldade de controle social. Nesse sentido, há o abandono de parte da burguesia e da aristocracia desses espaços, voltando-se ambas para o espaço doméstico.

Habermas (1984) fala desse abandono ao citar que as casas burguesas passaram a ser repensadas arquitetonicamente, destinando parte de seus espaços para os salões de festas, para, assim, receber pessoas de fora, uma vez que os espaços urbanos não são mais apropriados, pois foram “contaminados” pela massa emergente da urbanização. A rua passa a ser perigosa, “descivilizada” porque locus das massas, consideradas primitivas, infantis e ignorantes.

Sennett (1988) acrescenta que esse processo de “civilização” nada mais é do que uma tentativa de demarcar distinções econômicas entre grupos urbanos. Ao mesmo tempo, a “nova casa burguesa”, não existente até então, faz com que se desenvolva, dentro da família, o que comumente chamamos hoje de intimidade. Além dos salões, cada compartimento da casa terá suas regras próprias. Os quartos, diferente do local das festas, serão marcados principalmente pela individualidade, pela intimidade. A sociedade burguesa irá começar a delimitar com clareza as competências das esferas pública e da privada⁶ (Habermas, 1984).

Thompson (1995) ao resumir as competências de esferas privadas e públicas, propostas por Habermas, sugere que a esfera privada compreenda “tanto o domínio em expansão das relações econômicas como a esfera íntima das relações pessoais que se tornaram cada vez mais desvinculadas da atividade econômica e ancoradas na instituição da família conjugal” (Thompson, 1995: 145). Assim, na esfera pública, estão indivíduos privados que se unem para discutir, em parceria com as

⁶ Ao se referir à esfera privada, Habermas desenvolve sua teoria tanto a respeito do termo privado como propriedade privada, ou seja, particular, como também à formação da intimidade. Esta, por sua vez, se restringe aos limites da idéia de privado como sinônimo de particular.

autoridades do Estado, sobre a regulação da sociedade civil e a sua condução pelo próprio Estado.

Porém, conforme apresenta Habermas e DaMatta, essas duas distinções não se dão de forma tão categórica. Em vários momentos, público e privado se entrecruzam, trazendo uma série de conflitos. O principal, para Habermas, seria o da esfera pública se pautar principalmente pela vida privada. Sennett (1988), no entanto, traz outra contribuição a respeito da questão da valorização da vida privada. O autor propõe o conceito de “tirania da intimidade” que consiste em, além da questão colocada por Habermas, haver também o ponto em que a intimidade vem consumindo em demasia as atividades humanas, passando a limitá-las “pelos filhos, pelas hipotecas da casa, corridas ao veterinário, dentista, levantar-se à mesma hora, pegar o trem para ir trabalhar” (Sennett, 1988: 411), sem sobrar “tempo” para exercer atividades públicas e sociais. Estas questões, nesta lógica, deveriam ser assumidas pelos meios de comunicação. Mas estes passam também a se pautar, essencialmente, pela vida íntima, pelo mundo da casa. Desta forma,

as vidas privadas das pessoas podem ser transformadas em acontecimentos públicos pelo fato de serem veiculadas através dos meios de massa; e acontecimentos públicos podem ser vivenciados em situações privadas, como acontece quando os problemas de estado são vistos ou lidos na privacidade de uma casa (Thompson, 1995: 311).

Nesse contexto, conforme aponta Johnson (2004), há o surgimento do que hoje se denomina de banalização da mídia, pautada principalmente pelos aspectos privados. Isso justifica a importância que se dá a programas sensacionalistas e de fofocas no cotidiano.

As preocupações da fofoca, por exemplo, aparecem, de fato, publicamente, sob uma ampla variedade de formas, mas comumente sobre o disfarce do ‘entretenimento’. Elas aparecem, por exemplo, nas telenovelas, ou são, ‘dignificadas’ apenas por sua conexão com as vidas privadas das realezas, das estrelas ou dos políticos (Johnson IN: Silva, 2004: 49).

Habermas possui uma enorme dificuldade de compreender essa complexidade das imbricações entre essas duas esferas. Suas questões, voltadas principalmente para o surgimento da intimidade no século XVII, colocam como consequência deste avanço da vida privada sobre o espaço público a despolitização deste último. Desde o século XVII, a esfera pública vem perdendo o espaço de discussão da economia, da política e do Estado. Na época avaliada por Habermas, esse espaço passou a ser ocupado principalmente pela esfera literária burguesa cujo foco

eram os textos epistolares, voltados muito mais para problemas da ordem pessoal, amoroso e íntimo do que para questões sociais. As fronteiras dessas discussões se expandiram e hoje temos extensas publicações sobre estes aspectos da vida íntima, um deles se tornou o motor de revistas femininas e de programas televisivos: as fofocas. Trata-se, assim, de um fenômeno de difícil compreensão da modernidade porque os elementos expostos das “culturas privadas são vistos como pouco autênticos ou não racionais e construídos como perigosos, desviantes ou excêntricos” (Johnson apud Silva, 2004: 50).

A discussão de Habermas traz, no entanto, um elemento muito pertinente que é a questão do consumo cultural como um lazer, idéia bastante cabível na análise de “A vida como ela é...”. Esses elementos do consumismo carregam valores burgueses e “vendem” a idéia de uma família íntegra, moralista e sustentável autonomamente, presente com bastante frequência, por exemplo, nos enredos dos romances folhetins.

Os modelos socializados pelos mídia (...) traduzem, por um lado, a ilusão de uma esfera privada íntegra e de intacta autonomia privada para relações que há muito já retiraram a base de sustentação para a privacidade e a autonomia. Por outro lado, esses modelos são sobrepostos a tal ponto inclusive a fatos políticos que a própria esfera pública se privatiza na consciência do público consumidor; efetivamente, a esfera pública torna-se a esfera onde se publicam biografias privadas seja por alcançarem publicidade os destinos eventuais do assim chamado homem médio ou os astros planejadamente fabricados, seja porque as evoluções e as decisões publicamente relevantes sejam disfarçadas em roupagens privadas (Habermas, 1984: 203).

A indústria cultural – neste caso tomo como exemplo os textos de “A vida como ela é...” – ao perceber a aproximação e a fórmula fácil em que o sentimento e a vida privada são consumidos, constrói um nicho de mercado, no qual o ser humano vira personagem de um espetáculo do qual ele mesmo é o consumidor. O leitor suburbano, na década de cinquenta, ao ler a coluna “A vida como ela é...” tinha a possibilidade de “se sentir importante”, pois sua vida e seus sentimentos ocupavam o espaço público. O leitor consome a si mesmo e ao mesmo tempo consome um artefato cultural vindo de um processo industrial no qual se transformou o jornal.

A coluna “A vida como ela é...” é uma mercadoria, pautada principalmente nos sentimentos oriundos da esfera privada e situada no cenário do mercado cultural, que, apesar de tratar de assuntos afetivos, utiliza desses elementos com fins econômicos e sociais. No entanto, a nuance do conteúdo de explorar os limites não claramente estabelecidos entre os espaços públicos e privados – neste caso o conflito vale tanto para

as personagens quanto para os leitores – era de fundamental importância para a envergadura da coluna e para o sucesso no Rio de Janeiro.

3. Considerações finais

Penso que um dos grandes trunfos de “A vida como ela é...” esteja na capacidade de Nelson Rodrigues representar em suas crônicas um universo tão particular do subúrbio do Rio de Janeiro da década de cinquenta, sem deixar de esquecer a possibilidade de ele poder construir um texto com aproximações entre a ficção e o jornalismo. Por meio de suas crônicas, Nelson Rodrigues demonstra clara influência tanto textual quanto relativa a conteúdos morais das narrativas folhetinescas do século XIX. Seus enredos, pautados principalmente pelas relações familiares, se centram em uma emoção-trágica, sem perder de vista, em nenhum momento, um texto sensível, porém moralizante.

Essas características culminam quando temos esses enredos pautados pela dificuldade das personagens de conduzirem seus comportamentos entre os espaços públicos e privados. Penso ser este o maior confronto nos enredos rodriguianos da coluna “A vida como ela é...”. Ao mesmo tempo, esse conflito passa a existir no próprio contexto histórico da publicação das crônicas. Afinal, Nelson Rodrigues utilizou de um espaço público – o jornal – para apresentar conflitos de um espaço extremamente privado – o ambiente do lar. A coluna, por meio destes confrontos e conflitos, satisfazia um público emergente no subúrbio carioca. O texto de herança folhetinesca, cheio de sentimentos, apesar de confrontar, em parte, com o contexto estabelecido do jornalismo industrial iniciado na década de cinquenta, condiz com a proposta popular de o “Última Hora”, que tinha como objetivo possuir inserção nas camadas populares.

Como se fosse uma fofoca fictícia – diária e fugaz – Nelson Rodrigues recorreu às emoções, sensações e sentimentalismo. Por meio dessa técnica, ele pode também apontar os avanços da modernidade de um Rio de Janeiro cosmopolita que se formava naquele período e ajudou a expor parte dos conflitos dos cidadãos, perdidos no asfalto da urbanização. Os enredos rodriguianos representam um contraste dilema de comportamento das personagens diante do espaço público. Ao mesmo tempo, a coluna já aponta elementos de como a vida privada ganha largas proporções de leitores quando ela ocupa o espaço público. Além de também mostrar que a indústria cultural soube,



desde o processo de modernização da imprensa brasileira, aproveitar dessa questão para seduzir consumidores de jornais e explorar as emoções da vida privada.

Referência Bibliográfica

CASTRO, R. **O anjo pornográfico, a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo Companhia das Letras, 1992.

DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1984.

_____. **A Casa & A Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FACINA, A. **Santos e Canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia, 1988.

SODRÉ, N. W. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

WAINER, S. **Minha razão de viver: memórias de um repórter**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

XAVIER, R. A. C. **O Rio como ele é: o assalto da modernidade carioca no jogo de sensação e percepção de Nelson Rodrigues**. Rio de Janeiro: 2005, 103p. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.